

Qual é o Valor-Notícia de uma pessoa travesti na Cracolândia? Linn da Quebrada e a Estigmatização de Corpos Dissidentes no Jornalismo¹

Carlos Augusto Pereira dos Santos Júnior²
Universidade Federal Fluminense - UFF

RESUMO

Este artigo analisa a cobertura jornalística, ausente de checagem e factualidade, sobre Linn da Quebrada a partir do componente valor-notícia e das construções discursivas em torno de corpos dissidentes na mídia. A partir das contribuições de Judith Butler (2018) sobre performatividade e aliança dos corpos, Fabiana Moraes (2022) sobre a pauta como arma de combate e Minjie Li (2021) sobre exemplificação de poder na cobertura de pessoas travestis, investiga-se como a mídia reproduz padrões de exclusão e estigmatização. A metodologia baseia-se na análise crítica do discurso sobre a repercussão midiática do caso e nos possíveis efeitos psicossociais da desinformação.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; valor-notícia; corpos dissidentes; mídia; Linn da Quebrada.

INTRODUÇÃO

A relação entre corpo, mídia e poder é um dos temas centrais nos estudos contemporâneos de comunicação e representatividade. A forma como os corpos dissidentes são enquadrados na mídia reflete não apenas valores-notícia, mas também dinâmicas mais amplas de exclusão e controle social. O recente caso envolvendo a cantora e atriz Linn da Quebrada exemplifica essa questão, ao revelar como a disseminação de informações falsas pode reforçar estereótipos, gerar violências simbólicas e afetar diretamente a vida de pessoas travestis e negras.

Em março de 2025, diversos veículos de comunicação divulgaram que Linn da Quebrada teria sido vista na Cracolândia, região do centro de São Paulo historicamente associada ao tráfico de drogas, à marginalização e à violência urbana. A notícia teve ampla repercussão após a circulação de um vídeo nas redes sociais, no qual uma mulher,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Narrativas Jornalísticas Contemporâneas, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutorando em Comunicação no PPGCOM/UFF. Mestre pelo PPGCOM da Universidade Federal de Ouro Preto, com mestrado sanduíche financiado pelo (NSP) Nacional Scholarship Program na Josef Pavol Šafárik University, na Eslováquia. Graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto, com passagem pela University of Nebraska Lincoln (EUA) e pela Universidad del Rosario (UR), na Colômbia. E-mail: augustojunior@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2592-4037>. CV: <http://lattes.cnpq.br/4192700297124530>.

acompanhada de um homem, foi identificada como sendo a artista. A gravação, feita de forma amadora e divulgada pelos veículos sem qualquer verificação prévia, rapidamente foi incorporada por portais de notícias, evidenciando a fragilidade dos critérios de checagem na cobertura midiática e, ao que tudo parece, a continuidade de preconceitos e até mesmo tentativas de marginalização dos corpos travestis na sociedade, relegados aos espaços de prostituição, crime e lugares marcados na cidade pelo alto índice de violência.

Antes de tudo, cabe destacar que o termo "Cracolândia", amplamente mobilizado nos discursos midiáticos, não designa um espaço geograficamente fixo, ao contrário do que é da praxe midiática em narrar esse espaço ocupado em São Paulo por pessoas com dependência química. Na realidade, trata-se de um território em permanente deslocamento, que ao longo dos anos abrangeu diferentes áreas, como a Estação da Luz, a Praça Princesa Isabel, as ruas Helvetia e Guaianases, bem como as avenidas Duque de Caxias e Rio Branco. Mais recentemente, ainda é possível destacar o bairro Belo Vista, nos redutos da Avenida Paulista, como um local também onde as pessoas com dependência química podem ser vistas. De algum modo, *a priori*, a vinculação midiática da artista a esse espaço sugere não somente inserir sua imagem em uma cartografia simbólica marcada por significados historicamente construídos, mas também pode reforçar estigmas e processos de exclusão que incidem, de maneira recorrente, sobre corpos dissidentes, especialmente pessoas travestis e negras.

Posteriormente desmentida pela assessoria da artista, a notícia gerou ampla repercussão, evidenciando o papel da mídia na produção e manutenção de estigmas sociais. A escolha do termo "Cracolândia" para definir um local já carrega em si um conjunto de significados que remetem à degradação e ao crime, e sua associação automática a Linn reforça narrativas de desvalorização de corpos travestis e negros, perpetuando estigmas sem a devida base factual. Ademais, a falta de checagem de fatos e a rápida disseminação dessa informação sem a devida confirmação, em certo grau, ainda comprometem a factualidade da notícia, um conceito fundamental no jornalismo, que exige a verificação rigorosa da veracidade dos dados antes da sua divulgação.

Michel Foucault (1987), em *Vigiar e Punir*, nos ajuda a entender como as instituições sociais e políticas buscam disciplinar os corpos, criando uma normalização

que exclui aqueles que não se encaixam nos padrões estabelecidos. A presença de corpos dissidentes, como os de pessoas travestis, nos espaços públicos, desafia essas normas e coloca em questão a estrutura de poder que determina quais corpos são visíveis ou invisíveis, respeitados ou marginalizados. Sob a mesma ótica, Judith Butler (2018), em *Corpos em aliança e a política das ruas*, argumenta que os corpos não existem isoladamente, mas são constituídos dentro de relações sociais e políticas. Neste sentido, a presença de corpos dissidentes no espaço público desafia normas estabelecidas e, sobretudo, os torna alvos preferenciais de discursos de exclusão.

No contexto midiático brasileiro e de modalidade digital, essa lógica se reflete na forma como certos corpos são enquadrados como “ameaçadores” ou “perigosos” apenas por existirem em determinados espaços. O conceito de performatividade de Butler ajuda a compreender essa noção, ao estabelecer como as identidades de gênero são constantemente “performadas” e repetidas, contribuindo para a construção de narrativas e estigmas sociais. Seus corpos são lidos, narrados e sentenciados a partir de um conjunto de pré-definições, estereótipos, hierarquizações, entre tantas outras marcas sociais e históricas que os desumanizam frente aos demais, em especial ao cisheteronormativo.

Em *A pauta como arma de combate*, Fabiana Moraes (2022) discute como os critérios de noticiabilidade não são neutros. Ao contrário disso, eles são orientados por relações de poder que determinam quais vidas importam e quais podem ser descartadas. No caso de Linn da Quebrada, a rápida aceitação e divulgação de uma *fake news* que a vinculava à Cracolândia é sugestiva ao demonstrar como a mídia tende a reforçar certas narrativas sem questioná-las criticamente ou contextualizá-las ao leitor, ainda que se trate de notícias curtas do jornalismo diário. Além disso, as decisões editoriais que escolhem destacar algumas histórias em detrimento de outras também revelam o valor-notícia que opera a partir de uma lógica de mercado, na qual o sensacionalismo e a marginalização de corpos dissidentes se tornam uma estratégia eficaz para gerar audiência.

Sobre essa realidade do fazer jornalístico que segrega e desumaniza, Minjie Li (2021) investiga a exemplificação de poder na cobertura jornalística de pessoas travestis e como isso influencia a percepção pública sobre elas. O estudo aponta que o enquadramento midiático afeta diretamente a forma como o público reage a esses corpos

e suas demandas por direitos. Em certos aspectos, a difusão de desinformação sobre Linn da Quebrada ilustrará esse processo, uma vez que reforça a marginalização de identidades travestis ao vinculá-las automaticamente a contextos de degradação e ilegalidade.

Por razões como as delineadas aqui, este artigo busca compreender como a cobertura do caso de Linn da Quebrada reflete os valores-notícia e as dinâmicas de exclusão na mídia contemporânea. Para isso, serão analisados os discursos midiáticos e os possíveis impactos dessa narrativa na construção da percepção sobre corpos dissidentes a partir do fazer jornalístico.

METODOLOGIA

O trabalho utiliza uma abordagem qualitativa, baseada na análise crítica do discurso (ACD), conforme proposta por Teun A. van Dijk (2012), para examinar como os valores-notícia e as estratégias de exemplificação de poder moldaram a cobertura midiática do caso de Linn da Quebrada. Para van Dijk, o discurso midiático não é neutro, mas um espaço de reprodução do poder e de reforço de desigualdades sociais, sendo estruturado por relações de dominação e resistência. Dessa forma, a ACD permite compreender como a linguagem jornalística seleciona, organiza e distribui informações de modo a reforçar determinadas representações sociais, impactando a percepção pública sobre corpos dissidentes.

A metodologia estrutura-se em três operadores metodológicos fundamentais extraídos dos estudos de Minjie Li (2021): a análise do enquadramento midiático, a análise dos efeitos de exemplificação de poder e a observação dos impactos psicossociais da disseminação de desinformação. Esses três operadores possibilitam uma compreensão abrangente das estratégias discursivas empregadas na cobertura do caso e seus efeitos na construção de estigmas sociais.

Além disso, o trabalho considera as contribuições de Judith Butler (2018) sobre performatividade dos corpos e sua relação com a política das ruas, e de Fabiana Moraes (2022), que aborda como a pauta é usada como uma arma de combate, o que reflete a lógica de poder que orienta as escolhas editoriais nos meios de comunicação.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O caso de Linn da Quebrada, artista travesti e figura pública de grande relevância no cenário brasileiro, torna-se central nas discussões sobre a construção midiática de narrativas em torno de corpos dissidentes. Conhecida por sua militância política e pela música que aborda questões de identidade de gênero, racialidade e afetos, Linn sempre esteve atenta à visibilidade de grupos marginalizados. Sua trajetória, que transita entre a arte e o ativismo, representa, em diversos níveis, a resistência de corpos que desafiam as normas hegemônicas de gênero e raça. No entanto, em março de 2025, a mídia, ao divulgar sem confirmação que Linn teria sido vista na “Cracolândia”, utilizou uma referência geograficamente carregada de estigmas e tradicionalmente associada ao uso de drogas, à marginalização e à violência urbana, especialmente no contexto de São Paulo.

Embora Linn tenha, em algumas ocasiões, abordado sua relação com a saúde mental, a mídia parece ter se aproveitado de um contexto vulnerável, como a relação entre uso de substâncias e questões de saúde mental, para criar uma narrativa sensacionalista que conecta a artista a uma imagem de degradação. A associação de Linn à Cracolândia, sem a devida verificação, alimentou tanto em portais jornalístico, como nas redes sociais, um estereótipo negativo que recai sobre pessoas travestis e negras, uma vez que esses corpos frequentemente são ligados a estigmas sociais que os posicionam em contextos de marginalidade e criminalização.

Neste cenário de desumanizações, a escolha editorial de divulgar essa informação sem a devida checagem ou reflexão aprofundada demonstra como, no cenário midiático atual, a busca por uma narrativa rápida e polêmica pode se sobrepor à responsabilidade de informar com precisão, sobretudo a se pensar que o vídeo divulgado pelos portais era falso, de acordo com a assessoria da cantora Linn. Não somente o material compartilhado era falso, como Linn encontra-se internada para tratar sua saúde mental. De algum modo, isso não só prejudica a reputação dos sujeitos envolvidos, em especial a imagem da artista, bem como fortalece ainda mais a desinformação, a disseminação de factdoites que criam um ambiente em que a manipulação de realidades favorece a perpetuação de estigmas sociais e políticas excludentes às vidas travestis no Brasil.

A associação de Linn à Cracolândia exemplifica, assim, como a mídia contribui para o fortalecimento de imagens que relegam determinados corpos à marginalidade, ao mesmo tempo em que silencia suas próprias narrativas de resistência e transformação (Agamben, 2008). A escolha da Cracolândia como o local fictício para associar Linn da Quebrada reflete a maneira como o poder institucional e mediático busca disciplinar os corpos travestis, especialmente os racializados, ao associá-los a narrativas de degradação e destruição. Michel Foucault (1987) nos oferece um entendimento premente sobre as dinâmicas de poder que regulam e disciplinam os corpos em espaços públicos. A mídia, ao transmitir esse tipo de desinformação, reforça uma moralidade punitiva e invisibiliza a capacidade de resistência desses corpos. Foucault, em *Vigiar e Punir*, observa que a disciplina se realiza por meio da vigilância constante, e, nesse caso, a mídia atua como uma instância de vigilância que define quais corpos são dignos de respeito, quais são objetos de punição simbólica e em que espaços encontram tais corporalidades.

Fabiana Moraes (2022), ao desmontar a ideia de que as pautas jornalistas e os valores-notícia escolhidos advêm de uma suposta neutralidade, discute como os jornalistas são agentes fundamentais na construção de realidades sociais e políticas. Quando um veículo de comunicação decide priorizar uma narrativa sensacionalista e desinformada, como no caso de Linn, está não apenas distorcendo a verdade, como também fortalecendo uma estrutura de poder que marginaliza grupos específicos. Moraes (2022) ainda sugere que a mídia tem a capacidade de forjar uma realidade em que certas vidas são desvalorizadas e outras exaltadas, dependendo da perspectiva adotada. Nesse sentido, a ausência de um compromisso ético na cobertura de figuras públicas travestis resulta na perpetuação de uma agenda conservadora que exclui a diversidade.

Ao questionar os valores-notícia adotados para a cobertura de Linn, especialmente considerando que se trata de uma notícia falsa, evidencia-se a falha ética na seleção do conteúdo. A função primeira do jornalismo, tida como canalizador na decisão da agenda midiática, seria a de informar de maneira precisa e responsável. Entretanto, ao disseminar informações distorcidas, os veículos de comunicação comprometem sua credibilidade, ao mesmo tempo em que violam seu compromisso com o público e os agentes e sujeitos da notícia. O fato de uma notícia falaciosa ganhar espaço demonstra, de toda forma, que a busca por sensacionalismo ou a adesão a uma agenda estigmatizante prevaleceu sobre os

critérios de relevância e veracidade. Isso revela a ausência de um compromisso com os princípios fundamentais do jornalismo, em que a integridade e a responsabilidade são colocadas em segundo plano, em detrimento de uma narrativa que serve mais aos interesses algoritmos, da prática de *clickbaites* e de uma depreciação dos corpos travestis.

Autores como Stuart Hall (2019) e bell hooks (2019) fornecem uma base teórica para entender o papel da mídia na construção de identidades e na perpetuação de estigmas. Hall, com sua teoria sobre representação e identidade, afirma que a mídia tem o poder de “criar significados” que determinam quem somos e como somos vistos. No caso de Linn da Quebrada, a narrativa construída pela mídia poderia facilmente ter sido uma de empoderamento ou até mesmo de esclarecimento sobre a situação de saúde mental da artista e os desafios enfrentados por pessoas travestis no Brasil. Mas, ao contrário disso, veio de uma ideia baseada na marginalização, o que evidencia como a representação pode ser uma forma de dominação também no contexto midiático e jornalístico.

Em *Teoria Feminista: Da Margem ao Centro*, bell hooks (2019) discute como a mídia contribui para a construção de uma ideologia dominante que exclui o "outro". Para hooks, os corpos dissidentes, especialmente os de mulheres e pessoas negras e travestis, são constantemente objetificados e desumanizados pela mídia. Minjie Li (2021) complementa essa discussão ao falar sobre como a exemplificação de poder na mídia afeta a representação de pessoas travestis. Ao associar Linn a estigmas sociais, a mídia exemplifica a marginalização dessas pessoas, reforça desigualdades e violência baseadas em identidade de gênero, que controlam suas representações. Vale reafirmar que esse processo de exemplificação não é neutro. Está, no entanto, imbuído de uma lógica de controle, que limita a visibilidade e a agência dos corpos dissidentes no espaço social.

CONCLUSÃO

A cobertura midiática sobre Linn da Quebrada exemplifica como os valores-notícia e a lógica de exemplificação de poder contribuem para a estigmatização de corpos dissidentes. O caso evidencia a necessidade de um jornalismo comprometido com a ética e a responsabilidade social, capaz de desafiar narrativas excludentes em vez de reforçá-las. Por fim, a análise do caso de Linn da Quebrada ainda revela a função da mídia como



agente de reforço de normas sociais, conforme proposto por Pierre Bourdieu (2008) em *A Distinção*. Isso significa dizer que, a mídia, ao escolher quais histórias contar e como contá-las, reflete e contribui para a formação de estigmas no senso comum e da moralidade pública. Ao representar Linn da Quebrada de maneira estigmatizada, a mídia reflete um padrão cultural dominante que marginaliza a diversidade de gênero e sexualidade, e associa corporalidades a espaços sociais demarcados socialmente, onde só caibam determinados corpos, de uma certa raça, de uma certa identidade de gênero e localização: o corpo de uma mulher preta, travesti e periférica.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, GIORGIO. “O que é o Contemporâneo?” In: *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*; [tradutor Vinícius Nicastro Honesko]. — Chapecó, SC: Argos, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk. 2008.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

hooks, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Coleção Palavras Negras, 2019.

LI, Minjie. Exemplifying Power Matters: The Impact of Power Exemplification of Transgender People in the News on Issue Attribution, Dehumanization, and Aggression Tendencies. **Journalism Practice**, 2021. <https://doi.org/10.1080/17512786.2021.1930104>.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy. Jornalismo, transexualidade e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2012.